Repetir é preciso

Hay que repetirlo

It is necessary to repeat

Santiago Alcázar

Resumo: O presente artigo insiste em repetir o que todos sabem: as 3 ideias-pilares da Carta da ONU. Explora o significado daquelas ideias e comenta que para torná-las operacionais é preciso solidariedade e deixar de lado todos os fatores que impedem a sua realização. Recorda que a história da ONU foi marcada por dois períodos: a Guerra Fria, que incentivou a corrida armamentista e deixou de lado as 3 ideias-pilares; a expansão descontrolada do capitalismo ao final da Guerra Fria, que também deixou de lado aquelas 3 ideias-pilares. Hoje, o momento é de ruptura. É importante que nesse mundo novo que está para nascer possamos preservar as 3 ideias-pilares, sem as quais ficaremos ameaçados.

Palavras-chave: ONU; Carta da ONU; paz e segurança; direitos humanos; desenvolvimento.

Resumen. *El presente artículo insiste en lo que todos ya saben: las 3 ideas-pilares de la Carta de la ONU. Explora el significado de aquellas ideas y comenta que para hacerlas realidad es necesaria la solidaridad y dejar a un lado todo aquello que perturbe su realización. Recuerda que la historia de la ONU estuvo marcada por dos periodos: la Guerra Fría, que incentivó la carrera armamentista y dejó a un lado las 3 ideas-pilares; la expansión descontrolada del capitalismo al final de la Guerra Fría, que también dejó a un lado aquellas 3 ideas-pilares. Hoy, el momento es de ruptura. Es ese mundo nuevo que está por nacer es importante que podamos conservar las 3 idea-pilares, sin las cuales quedaremos siempre amenazados.*

Palabras clave*: ONU; Carta de las Naciones Unidas; paz y seguridad; derechos humanos; desarrollo.*

Abstract. *This article insists in what is common knowledge: the 3 pillars of the UN. It explores briefly on the meaning of those 3 pillars and suggests that to make them operational it is necessary to bring solidarity to the front and leave everything that impedes their full realization. The history of the UN is marked by two distinct periods: The Cold War, that brought forward the Arms Race and left aside the 3 pillars; the uncontrolled expansion of capitalism at the end of the Cold War, that also left aside the 3 pillars. Today we live in a world of rupture. In the new world that will become it is important to keep the 3 pillars, the only guarantee we have to preserve civilization.*

Keywords*: UN; UN Charter; peace and security; human rights; development.*

Às vezes é preciso repetir. Dizer uma ou duas vezes a mesma coisa pode ser necessário. Não se trata de reproduzir palavra por palavra um ditado, uma máxima, uma expressão. Isso pode ser cansativo e poderia revelar algum grau de limitação. Tampouco se trata de dizer e

repetir por esquecimento. *Já te contei da vez que entrei na padaria pensando que era farmácia? Sim! Um milhão de vezes!* Não é isso.

É preciso repetir porque às vezes a ficha não cai e por mais que se repita ela, teimosa, não cai. A ideia fica no ar, como uma nuvem que ensaia formas e figuras sopradas até desaparecer. Outra vez ela surge de passagem numa conversa, por acaso, e não a retemos porque estamos ocupados, porque o sinal abriu, porque alguém nos diz com enorme indelicadeza: *sabe quem morreu?*

Ideias fundamentais às vezes vêm com roupagens simples e, talvez, por isso muitas vezes são confundidas por simplórias e passadas para trás onde são logo esquecidas, como tralhas desligadas de tudo o que nos interessa. Às vezes, no entanto, acontece um milagre e, simples como são, arranjam um modo de ficarem, indeléveis. Foi o que aconteceu com as 3 ideias-pilares da Carta de São Francisco: "paz e segurança", "direitos humanos" e "desenvolvimento".

Cada uma delas expressa anseios universais que "Nós, os povos" aprovamos e defendemos como valores sagrados da humanidade. Do jeito que se apresentam na Carta parecem singelas como uma casa no campo. Não parece que escondam profundidades; mas escondem, muitas e complexas. As 3 ideias-pilares são como etiquetas ou nomes de minas profundas prontas a revelarem o que há debaixo delas.

Cada uma é riquíssima ou, melhor, infinitamente rica, pois a cada camada que se descobre surgem veias inimaginadas que convidam à exploração da exploração da exploração, e assim por diante de maneira exaustiva. Em última instância elas reclamam sair das inúmeras prisões que prendem as vidas em circunstâncias específicas.

Paz exige sair das prisões que conduzem ao conflito. Reconhecimento e respeito aos direitos humanos, que é uma única ideia, reclama sair das prisões que obstaculizam o reconhecimento e respeito do outro, não necessariamente o semelhante. Desenvolvimento reclama sair das prisões que impedem a realização das potencialidades humanas.

Cada uma remete às outras duas e estas, por sua vez, remetem àquela primeira. Paz conduz ao reconhecimento e respeito do outro e ao desenvolvimento. Direitos humanos precisa de desenvolvimento e de paz. Desenvolvimento é o ponto de chegada de paz e direitos humanos, e assim por diante.

A Constituição da OMS também reflete as 3 ideias-pilares e o faz com mais claridade que a Carta, como se pode observar da seleção a seguir de parágrafos do preâmbulo:

> (direitos humanos) *O gozo do mais alto padrão de saúde possível é um dos direitos fundamentais de todo ser humano, sem distinção de raça, religião, crença política, condição econômica ou social*.
>
> (paz e segurança) *A saúde de todos os povos é fundamental para a conquista da paz e da segurança e depende da plena cooperação dos indivíduos e dos Estados*.
>
> (desenvolvimento) *O desenvolvimento desigual entre os diferentes países na promoção da saúde e no controle de doenças, especialmente as transmissíveis, é um perigo comum*.

Ao assinarem e ratificarem a Carta da ONU e a Constituição da OMS os Estados comprometeram-se a deixar guiar pelas 3 ideias-pilares, que são universais e reconhecidas como tais. Não é por outra razão que o Professor do Centro de Direito da Universidade de Georgetown, Lawrence Gostin, manifestou opinião no Seminário Avançado Fiocruz em Saúde Global e Diplomacia da Saúde "Agenda Global de Saúde 2026: a 79ª Assembleia Mundial da Saúde", segundo a qual os Estados-membros da ONU e da OMS não podem deixá-las. A primeira, disse ele, porque a paz é um valor universal; a segunda, porque a saúde também é um valor universal. Sair de qualquer uma delas significaria negar valores universais, deixando aberta a porta para a barbárie que conduziu a 2ª Guerra, que é o Nunca Mais ao qual não se quis e, supostamente, não se quer voltar. Sair das inúmeras prisões requer uma decisão de solidariedade, que nada mais é do que o impulso de sair de si mesmo para ir de encontro do outro. Sem a solidariedade as 3 ideias-pilares não se tornam operacionais. Mas talvez isso seja pedir demais.

Ao longo dos 81 anos da ONU e dos 79 anos da OMS os Estados-membros deixaram de lado, uma e outra vez, compromissos acordados. As resoluções aprovadas são testemunhos desse lapso. Como máquinas defeituosas que repetem o mesmo ciclo, recordam incontáveis vezes compromissos anteriores, que não seria necessário fazer se tivessem sido efetivados. A leitura desses documentos torna-se assim tortuosa pela repetição, mas é algo que não se pode evitar. Repetir é necessário porque a ficha não caiu, não cai e ninguém sabe se um dia cairá. É preciso repetir.

Poder-se-ia perguntar por que os compromissos não são realizados e a resposta seria porque entre o assentimento e a efetivação há um caminho desconhecido a ser percorrido, com dificuldades de todo tipo que se interpõem e aumentam o desafio a cada passo. Ainda que os Estados-membros tivessem como Norte as 3 ideias-pilares, as dificuldades estariam aí. Seria ingenuidade imaginar que bastaria seguir as linhas do mapa do caminho para chegar a destino. O caminho se faz ao andar, como dizia Antonio Machado. O que está à frente é sempre incerto.

É provável que as dificuldades tenham sido de outra natureza, pois assumimos que os Estados-membros orientavam as suas políticas pelas 3 ideias-pilares. A história das Nações Unidas foi marcada, em grandes linhas, por dois períodos distintos: a Guerra Fria, por mais de 40 anos; a expansão do neoliberalismo desde os anos 1980. Durante o primeiro período, o foco recaiu sobre a ameaça militar à paz e à segurança. Por isso a corrida armamentista e a cegueira para os direitos humanos e o desenvolvimento. No segundo ciclo, as teses neoliberais foram adotadas por quase todos, liberando o caminho para a expansão do capitalismo. Uma das consequências foi o absurdo crescimento do complexo militar-industrial. Outra foi a improvável adoção do capitalismo pela China, que hoje disputa a primazia com os EUA. Enquanto a primeira consequência é um resultado esperado, a segundo causou surpresa e depois incômodo.

A ascensão da China incomoda porque desloca atores menores e ameaça a posição do país hegemônico desde o fim da Guerra Fria. Por um lado, o capitalismo dirigido da China é inegavelmente exitoso, por outro, o capitalismo a serviço de uma elite financeira apresenta rachaduras que podem comprometer o seu futuro. O incômodo põe em marcha a velha lógica da confrontação e o complexo militar-industrial flexiona os seus músculos na academia da moda.

Durante a Guerra Fria o que houve foi uma desonesta disputa pelo poder, que ignorou as 3 ideias-pilares. Na expansão do capitalismo desde o fim da Guerra Fria, a desonestidade intelectual, elemento essencial para aquela expansão, seguiu incólume. As 3 ideias-pilares foram

recordadas pelos quatro candidatos a Secretário(a)-Geral da ONU na sabatina a que foram submetido(a)s em maio. Será suficiente recordar? Como fazer para que elas de fato se tornem guias para as políticas dos Estados-membros?

Um caminho pode ser o uso pelo(a) Secretário(a)-Geral do Artigo 99 da Carta – *O Secretário-Geral pode trazer à atenção do Conselho de Segurança qualquer assunto que em sua opinião pode ameaçar a manutenção da paz internacional e a segurança*.

Na história da ONU, ameaça à paz e à segurança sempre tiveram um cariz militar e sempre foram tratadas pelo Conselho de Segurança (CS). Em julho de 2000, o Conselho de Segurança adotou por unanimidade a resolução S/Res/1308 (2000)[1]. Em dois parágrafos preambulares o Conselho de Segurança acordou reconhecer que a propagação do HIV/AIDS pode ter um impacto devastador em todos os níveis da sociedade; sublinhar que se a pandemia do HIV/AIDS não for controlada poderá haver risco para a estabilidade e a segurança. Foi a primeira vez que o Conselho de Segurança tratou de um assunto não-militar.

Há outras ameaças à paz que não militares ou de saúde. O não-cumprimento do Acordo de Paris é um exemplo. Muitos creem que a mudança climática é a maior ameaça para a humanidade e, certamente, pode representar uma ameaça para a paz, a estabilidade e a segurança. Em 20 de maio, a Assembleia Geral da ONU adotou por 141 votos a favor, 8 contra (Arábia Saudita, Belarus, EUA, Iêmen, Iran, Israel, Libéria, Rússia) resolução intitulada "Opinião Consultiva da Corte Internacional de Justiça sobre a obrigação dos Estados com respeito à mudança de clima"[2]. Em julho de 2025, a Corte havia esclarecido que *proteger o clima não é opção diplomática, mas uma obrigação jurídica baseada em tratados, direito consuetudinário e direitos humanos e os Estados que descumprirem as suas obrigações estarão sujeitos a penas de reparo*. O(A) Secretário(a)-Geral deveria usar o Artigo 99 para apontar essa ameaça à paz.

E por que ficar somente no Acordo de Paris? A Agenda 2030, ao contrário do Acordo de Paris, não é um texto jurídico, mas deixar os ODS como estão (apenas 17% das 169 metas estão no rumo certo; 45% têm avanços insuficientes e existe retrocessos em 18%) pode constituir uma ameaça à paz, à estabilidade e à segurança. O gap financeiro, que é a diferença entre os recursos necessários e os recursos disponíveis, é da ordem de US$ 4 trilhões anuais, aumentando. Enquanto isso os gastos com defesa já superaram a marca de US$ 2,7 trilhões, anuais, também aumentando. De igual modo, o(a) Secretário(a)-Geral poderia fazer uso do Artigo 99 para indicar que existe no incumprimento da Agenda 2030 uma ameaça à paz.

Fala-se muito em reforma da ONU e da OMS. As propostas giram em torno à ideia de "downsizing", que é uma forma de dizer "fazer mais com menos". Soa como um adeus indiferente ao direito para o desenvolvimento não obstante o Compromisso de Sevilha[3]. Soa como adeus ao direito universal à saúde e um convite para cada um por si, como se viu na pandemia da Covid-19. A 79ª sessão da Assembleia Mundial da Saúde já deixou claro que o Acordo para prevenção, preparação e resposta a futuras pandemias é um instrumento sem dentes. O mecanismo PABS, que permitiria o acesso a patógenos e o compartilhamento democrático de benefícios de modo a garantir a distribuição justa de vacinas e de tratamentos é uma farsa alimentada pelo espírito do segundo período da ONU – a expansão sem controle do capitalismo.

[1] https://unscr.com/en/resolutions/doc/1308/
[2] https://docs.un.org/en/A/80/L.65
[3] https://news.un.org/pt/story/2025/07/1850331

A Carta de São Francisco foi atropelada durante a Guerra Fria. Na expansão sem mesura do capitalismo não serviu para orientar as políticas voltadas para o risco fiscal, aparentemente maior e mais ameaçante que a fome, a pobreza e as inequidades.

Hoje, como nos disse a Professora Ilona Kickbusch, do Centro de Saúde Global do Instituto de Estudos Internacionais e de Desenvolvimento, no Seminário Avançado Fiocruz acima mencionado, o momento é de ruptura. O termo visa substituir "crise". Com efeito, não se trata mais de uma crise, mas de uma ruptura; ruptura da ordem internacional; ruptura do direito internacional; ruptura das normas de convivência; ruptura do bom senso, da racionalidade, das expectativas otimistas. Nada mais é seguro. Tudo é imprevisível a partir de um movimento inexplicável de destruição. A própria civilização está ameaçada de morte.

Dizem que é preciso reformar. Reformem então, mas conservem as 3 ideias-pilares, pois sem elas não seremos nada. Antes disso, é preciso entender que a ameaça à paz pode vir, e virá, pela não implementação plena do Acordo de Paris e da Agenda 2030, os caminhos conhecidos e melhor avaliados para frear a desumanização que nos ameaça.

Imagem – Uma criança ferida no ataque à escola da ONU, na faixa de Gaza, em 30 de julho de 2014, chora enquanto é atendida em um hospital.



Foto: Marco Longari (AFP)